

“OS LIVROS FALAM”: uma análise dos processos de citação do discurso do outro e das concepções de leitura

"THE BOOKS SPEAK": an analysis of the procedures for quotation of the address of the other and the conceptions of reading

SOUZA, Nathan Bastos de (UFSCar)

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os processos de citação do discurso do outro em uma reportagem a respeito da vida de Adriana Cavalcanti, uma moradora de rua de Campinas (SP), que foi entrevistada pelo canal de notícias G1. A análise é ancorada nos processos de citação do discurso do outro como proposto por Bakhtin (2014) e nas concepções de leitura tal como formuladas por alguns autores brasileiros, sobretudo Britto (2016). Metodologicamente dividimos a reportagem em fragmentos que permitem ver como os discursos do outro são apresentados, ora como discurso direto ora como discurso indireto, e perscrutamos os sentidos produzidos pela escolha de uma forma ou outra de citação. Nas considerações finais apontamos que há uma palavra autoritária, conforme a nomenclatura de Bakhtin (2014), fazendo dizer/atribuindo valores eufóricos à leitura e que essa valorização da leitura como redentorista silencia o discurso sobre as drogas, pelo apagamento em alguns momentos e em outros pela ordem sintática do texto.

Palavras-chave: Processos de citação do discurso do outro. Concepções de leitura. Estudos bakhtinianos.

Abstract: The objective of this article is to analyze the processes of citation of the discourse of the other in a report about the life of Adriana Cavalcanti, a homeless woman from Campinas (SP), who was interviewed by the G1 news channel. The analysis is anchored in the processes of citation of the discourse of the other as proposed by Bakhtin (2014) and in the conceptions of reading as formulated by some brazilian authors, especially Britto (2016). Methodologically we divide the article into fragments that allow us to see how the discourses of the other are presented, either as direct discourse or as indirect discourse, and we search the senses produced by choosing one form or another of citation. In the concluding remarks, we point out that there is an authoritarian word, according to Bakhtin's nomenclature (2014), making/saying euphoric values to reading and that this valuation of reading as redemptorist silences the discourse on drugs, by erasing at some moments and in others by the syntactical order of the text.

Keywords: Citation processes of the other's speech. Conceptions of reading. Bakhtin studies.

Ter direito à história, uma forma de introdução e de justificativa

“Durante muito tempo, só os gestos dos grandes mereceram ser ditos sem escárnio; o sangue, o nascimento e a exploração davam direito à história. E, se às vezes acontecia aos mais humildes terem acesso a uma espécie de glória, era por algum feito extraordinário – o resplendor de uma santidade ou a enormidade de uma maldade”.

Michel FOUCAULT

Michel Foucault (2003) apresenta o que deveria ser uma “antologia de existências” em texto dedicado à vida dos homens infames retomando em parte arquivos já estudados em

obras anteriores (particularmente em sua *História da loucura*¹). O texto introduziria – o projeto não vingou – um compêndio a esses pequenos relatos sobre a vida de sujeitos que estiveram à margem da sociedade e de cujas existências restam apenas umas poucas frases a respeito de “Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas [que, portanto] só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder” (FOUCAULT, 2003, p.4).

Os relatos sobre essas vidas de homens infames seriam compilados segundo algumas regras pelo autor estabelecidas: 1) que remetessem a pessoas que existiram; 2) que fossem existências simultaneamente obscuras e desventuradas; 3) que se resumissem ao mais breve quanto possível os relatos; 4) que se relacionassem mesmo à minúscula história dessas existências, marcadas “por sua desgraça, de sua raiva ou de sua incerta loucura”; e 5) que do choque dessas vidas e dessas palavras conosco fosse produzido um efeito misto de beleza e terror (FOUCAULT, 2003, p.3). Os documentos que o autor usou para compendiar essas vidas infames são os relatos preservados de arquivos de internamento, da polícia, petições ao rei e as cartas régias com ordem de prisão.

Ao tratar dos curtos fragmentos que restaram das vidas infames desses “remendões, [...] soldados desertores, [...] vendedoras de roupas de segunda mão, [...] tabeliões, [...] monges vagabundos, [...] todos enraivecidos, escandalosos ou desprezíveis” (FOUCAULT, 2003, p.3), o autor francês afirma que foi necessário em algum momento, mesmo que rapidamente, um feixe de luz que iluminasse essas vidas para que chegassem até nós. Essa luz é o encontro dessas vidas com o poder:

[...] sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido (FOUCAULT, 2003, p.4).

Foucault (2003) discute a diferença entre os homens das lendas e os homens infames em termos de que aqueles são enfeitados pelas glórias que lhes são atribuídas, para as quais as existências reais desses homens são indiferentes em relação ao relato dos prodígios que puderam (ou não) realizar, mas que permanecem no tempo em função das façanhas e dos

¹ Ver Foucault (1978)

feitos que lhes são conferidos; a vida dos homens infames, contudo, se abriga apenas à sombra das palavras que deles foram mantidas, já que não desempenharam nenhum papel histórico de destaque. Os fragmentos dessas vidas somente existem para nós, séculos mais tarde, por meio desses brevíssimos relatos que fizeram de si ou que foram feitos sobre eles e permaneceram ao acaso na condição de documentos.

É esse processo de desaparecimento que Foucault (2003) denomina *lenda negra*, que consiste em duas características que explicam tanto os dados utilizados pelo autor em seu livro quanto os discursos que analisamos neste artigo, de que trataremos adiante: a primeira característica é que o relato da vida desses homens infames se reduz ao que “foi dito um dia e que improváveis encontros conservaram até nós” (FOUCAULT, 2003, p. 3) e que, a segunda característica, “por sua natureza, [é] sem tradição; rupturas, apagamento, esquecimentos, cancelamentos, reaparições, é apenas através disso que ela pode nos chegar. O acaso a leva [essa lenda negra] desde o início” (FOUCAULT, 2003, p.4).

Nesse ínterim, passamos a descrever, em um primeiro momento, nosso corpus e, depois, nosso objetivo com este artigo: em maio de 2018, em meio a mais recente greve dos caminhoneiros, um vídeo *viralizou* nas redes sociais: Adriana, uma moradora de rua de Campinas (SP), fazia uma análise sobre o contexto da greve e dava um testemunho – pelo vocabulário empregado, pela lucidez com que discutia os assuntos ali tratados – bastante interessante sobre o funcionamento do capitalismo no mundo contemporâneo². O vídeo teve mais de dois milhões de acessos durante aquela semana de greve e Adriana ficou conhecida. Algum tempo mais tarde, o G1, site ligado à Rede Globo, fez uma entrevista com a moradora de rua e publicou uma reportagem em sua plataforma online em 15/06/2018; nela se destacava o papel da literatura na vida de Adriana³.

Assim, analisamos neste artigo como os processos de citação do discurso do outro permitem que o autor da reportagem silencie o discurso sobre a drogadição com os valores positivos atribuídos à leitura como redentora da moradora de rua. Nessa perspectiva, na primeira seção trabalhamos com as concepções de leitura e os mitos sobre a leitura. Na seção seguinte discutimos as formas de citação do discurso do outro com base na teoria dialógica. Na terceira seção analisamos a reportagem do G1 discutindo os processos de citação do discurso do outro que o autor emprega ao discurso de Adriana para, com o discurso sobre a leitura, silenciar o discurso sobre a drogadição. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas.

²O vídeo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vav_DSiK5IQ>. Acesso em: 29 nov.2018.

³Texto disponível em <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/apaixonada-por-literatura-moradora-de-rua-transsexual-viraliza-na-web-na-solidao-comecei-a-conversar-com-os-livros.ghtml>>. Acesso em: 29 nov.2018.

Concepções de leitura e mitos sobre a leitura

Britto (2016, p.39) apresenta dez máximas impertinentes sobre a leitura com o objetivo de desfazer algumas crenças relacionadas às campanhas de incentivo à leitura, quais sejam, I) A leitura não é boa nem má – leitura é leitura (p. 33); II) A leitura não salva nem condena – a leitura é (p. 34); III) Quem lê sempre lê alguma coisa – ler é verbo transitivo (p. 35); IV) O leitor de um certo texto é o leitor desse certo texto (p. 35); V) Ler não é um prazer, ainda que possa ser (p. 36); VI) A leitura de entretenimento é um entretenimento – serve de distração (p. 36); VII) Ler não é fácil nem chato, ler é difícil (p. 37); VIII) Toda escolha é só uma escolha possível – nenhum leitor é livre (p. 38); IX) O leitor que as campanhas de leitura promovem não é um simples leitor, é um estilo de vida (p. 38); X) Poder ler é um direito, ler é exercê-lo.

Em relação a essas máximas, podemos tecer alguns comentários que entrelacem essas questões levantadas por Britto (2016) com a reflexão de outros autores sobre as concepções de leitura e os mitos a seu respeito. A primeira questão levantada pelo autor é em relação aos juízos de valor relacionados à leitura, que é “prática simbólica [que] goza de valor e prestígio prioritariamente eufóricos” (CURCINO, 2016, p.232) na sociedade brasileira. Se a leitura não é nem boa nem má, é leitura apenas, e dela é preciso se servir para transitar no mundo contemporâneo como sujeito, ler é uma obrigação, não uma escolha.

A segunda máxima de Britto (2016) é muito importante para a reflexão que estamos produzindo com esse artigo em que se discute o discurso redentorista da leitura. Britto e Barzotto (1998, p.4-5) afirmam que esse discurso supervaloriza a leitura em si e ajuda a mitificá-la e transformar o livro em objeto de fetiche, assim como o ato de ler. Também, os autores destacam, a leitura serviu sempre muito mais à dominação que à redenção. “Objetivamente, ao contrário do que se quer fazer crer o discurso da leitura redentora não há vínculo *necessário* entre leitura e comportamentos saudáveis, positivos” (grifo nosso) (BRITTO e BARZOTTO, 1998, p.5). Em outras palavras, não haverá *necessariamente* um giro em direção à outra vida possível se alguém se torna leitor; o discurso do senso comum produz consensos como: o poder socializador da leitura em caso de crianças de rua que se tornam leitoras, ou o poder terapêutico da leitura no caso de pessoas com problemas psíquicos, ou ainda o poder pedagógico em relação aos jovens arredios ou inseguros. Britto (2016) afirma que dentre esses fatores nenhum é completamente falso, mas nenhum deles é uma garantia.

No que se refere à máxima III, poderíamos afirmar que se funda em um mito sobre a leitura, qual seja, o de que “o importante é ler, não interessa muito o que se lê”. Aparece então a crença popular de que a leitura faz bem, assim concebida como uma leitura sem objeto; como se sabe, a leitura pressupõe uma materialidade, sem texto não se lê.

A máxima IV combate a crença de que uma leitura puxa a outra, baseada na ideia de que se, por exemplo, o leitor começa por ler textos que exijam menos esforço, poderá chegar a textos mais complexos; a base dessa crença é uma lógica mecânica, ou seja, se o leitor iniciante começa por ler quadrinhos, deverá chegar a Dostoiévski com facilidade nesse processo em que uma obra leva obrigatoriamente a outra, independentemente da densidade do enredo e da trama..

A máxima seguinte é bastante curiosa no sentido que se dá aos termos nela previstos: a leitura por prazer. Supõe-se que, quando os leitores encontram prazer em algo que leem, a leitura se torna uma rotina e que, portanto, passarão a ler mais e melhor uma vez viciados no prazer que se verte dali. Segundo Britto e Barzotto (1998, p.3), essa leitura hedonista só serve para promover a si mesma e, em boa medida, falseia a realidade. Britto (2016) destaca também que esse prazer provindo da leitura é tão secreto a ponto de ser objeto das campanhas de leitura, assim, as pessoas não sabem o que é prazeroso ou esse é um prazer tão secreto que precisa ser ensinado. A máxima sobre a leitura como distração descontrói os valores redentoristas que a leitura recebe socialmente, visto que compara essa prática cultural a outras, como o teatro ou o cinema, em que não há uma finalidade pragmática; lê-se porque sim.

A máxima que afirma que ler é difícil, não é chato, nem fácil, toca em um ponto chave para as campanhas de promoção da leitura. Esse ponto, entretanto, é ao mesmo tempo contraditório: por um lado diz-se que o jovem não lê porque os textos (aquelas leituras do cânone literário) são chatos; por outro lado, afirma-se que ler é gostoso. Essa problemática gera uma perversa lógica circular, em que permanece um questionamento: “eu gosto porque sei ou eu sei por que gosto?” (BRITTO, 2016, p. 37). Isso acaba gerando uma “pedagogia do gostoso”, que acarreta um empobrecimento intelectual e estético levado a cabo para angariar leitores que apenas leem textos facilitados.

A máxima que trata da liberdade do leitor é bastante importante para estudos como este, de base discursiva, em que se realçam as interdições que o simbólico produz nos sujeitos. Britto (2016) afirma que os leitores não são livres e que escolhem o que ler em relação aos planos histórico e social em que emergem. Segundo Curcino (2016, p. 231), “essas representações [de leitura] são oriundas de injunções simbólicas compartilhadas

socialmente que, ao mesmo tempo, atuam como injunções ao modo como devemos ler e avaliar os outros, como leitores”.

Sobre a relação entre as campanhas de leitura e o perfil de leitor ali previsto, poderíamos compará-lo ao que Abreu (2001) expõe no que se refere às diferentes formas de ler nas pinturas entre os séculos XVIII e XIX: homens aparecem sentados no interior de grandes bibliotecas ou em frente a estantes abarrotadas; mulheres são representadas completamente absortas na leitura, em geral sozinhas dentro de suas casas, poucas vezes em ambientes externos; as crianças aparecem mais frequentemente em leituras em grupo ou junto a mulheres que leem para elas, poucas vezes lendo sozinhas, mas quando é o caso estão completamente tranquilas e estudam comportadas. Britto (2016) também destaca algumas dessas imagens recorrentes nas iconografias da leitura,

A mulher recostada languidamente em uma poltrona; a criança estirada no chão diante do livro, as pernas em movimento para o ar, as mãos no queixo sustentando o rosto; o moço sentado numa mesa de café com o livro aberto; o velho com criança no colo e o livro aberto na mão; o intelectual diante de enormes fileiras de livros sisudos. São imagens recorrentes em iconografias de leitura. *Imagens de algo que reconforta, diverte, instrui, instiga a imaginação.* Imagens que reproduzem um modo de ler apropriado (grifos adicionados) (BRITTO, 2016, p.39).

A última das máximas apresentadas por Britto (2016) diz respeito ao caráter de divisão social dos leitores que a leitura impõe: quem pode ler tem um poder e esse poder é um direito, que deve ser exercido em busca de uma sociedade um pouco mais justa. Assim, o autor destaca que os excluídos das práticas de leitura são os mesmos excluídos de outras práticas sociais que dependem de condições sociais mínimas, de modo que condição social e possibilidade de acesso ao escrito são as vias que levam aos bens culturais, como a leitura em nossa sociedade. Portanto, aqueles que não têm acesso à moradia, ao lazer ou à atenção à saúde consomem menos leitura porque consomem menos de tudo.

Os processos de citação do discurso do outro

Como sabemos, a leitura que se tem feito no Brasil da obra do chamado Círculo de Bakhtin⁴ tem sido bastante difundida, desde pelo menos os anos 1970, quando começaram a

⁴ “Círculo de Bakhtin” é uma questão que pode ser explorada desde diversas nuances, daquelas que afirmam com veemência que nunca existiu até os que esbravejam que é uma farsa total. O uso que fazemos do termo no contexto deste artigo se dá como sinônimo do grupo formado pelos nomes de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, que assinam os textos a que faremos referência. Não é pertinente para este artigo a discussão sobre paternidade dos textos e sobre os consensos e dissensos sobre o

chegar aqui as traduções em inglês dessa obra (BRAIT, 2012). Do todo dessa teoria, mais ou menos na mesma medida em que se exploram com grande interesse temas como o dos gêneros do discurso ou do signo ideológico, é deixado de lado o tema do discurso citado (CASTRO, 2009), que aparece como *aplicação do método sociológico* naquela que possivelmente é a obra mais lida no Brasil do Círculo, o *Marxismo e filosofia da linguagem*. Nesse sentido, exploraremos a questão dos processos de citação do discurso do outro e, na próxima seção, procederemos a análise da reportagem.

Bakhtin/Volochínov⁵ (2009, p.150) indicam que o discurso citado é “*discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (grifos dos autores). Os autores defendem que esse discurso mantém sua autonomia estrutural e semântica quando aparece reportado em outros discursos e que, se nos limitarmos a aspectos temáticos, “podemos responder às questões ‘Como’ e ‘De que falava Fulano?’, mas não ‘O que ele dizia?’” (ibid); pergunta que somente poderia ser respondida pela citação das palavras desse outro. Dessas considerações iniciais sobre o discurso de outrem, os autores russos concluem que “permanecem relativamente estáveis” (p.151) o conteúdo semântico e a estrutura da enunciação citada, assim, “a substância do discurso do outro permanece palpável” (ibid).

Nesse ínterim, o processo de apreciação do discurso de outrem se dá ao sabor de “tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 152). Entre a recepção ativa do discurso de outrem, que passa por um crivo axiológico, e sua citação há diferenças para as quais os autores chamam atenção: 1) a citação, sobretudo escrita, responde a fins específicos; 2) leva em conta uma terceira pessoa, a quem são destinadas essas enunciações citadas. Mas essas duas características apenas contribuem para a consolidação daquilo previsto nas tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem de uma dada época. O sujeito que apreende “a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado de palavra, mas ao contrário, um ser cheio de palavras interiores” (p. 153-154), desse sujeito eminentemente social que apreende à luz de um “fundo perceptivo”, que “é mediatizado para ele [o sujeito] pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso

assunto. Vale, para tanto, consultar outros autores que tenham se dedicado: no contexto brasileiro, particularmente os prefácios assinados por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova às traduções que essas autoras já fizeram (*O Método formal nos estudos literários*, MÉDVIEDEV, 2012; *Questões de estilística no ensino da língua*, BAKHTIN, 2013; *Marxismo e filosofia da linguagem*, VOLÓCHINOV, 2017); no cenário internacional, pode-se consultar, por exemplo, PONZIO, 2011; BRANDIST, 2012; BRONCKART, BOTA, 2012; SÉRIOT, 2015.

⁵ Grafia conforme a edição consultada. A nova tradução da mesma obra, pela Editora 34, apresenta divergência quanto à marcação tônica: Volóchinov. Na nota de rodapé anterior seguimos essa grafia mais consensual internacionalmente sobre o sobrenome do autor.

apreendido do exterior. A palavra vai à palavra” (p. 154). É o que Ponzio (2010), na senda bakhtiniana, tem chamado de encontro de palavras: a busca desse outro na palavra é o princípio dialógico funcionando no interior das sociedades organizadas.

Em outra obra, Bakhtin (2014)⁶ observa que o discurso de outrem incluído no contexto “está sempre submetido a notáveis transformações de significado” (p. 141) e nesse conjunto que “avoluma a palavra de outrem origina um fundo dialógico” cuja influência pode ser bastante inesperada. Nessa perspectiva, o autor afirma que para o exame do discurso de outrem é capital a não separação entre “os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico)” (ibid).

Bakhtin (2014) continua sua reflexão localizando duas categorias de assimilação da palavra do outro na formação ideológica do homem, quais sejam, a *palavra autoritária* e a *palavra interiormente persuasiva*. O primeiro dos dois tipos é aquele que “exige de nós reconhecimento e assimilação”, “é organicamente ligada ao passado hierárquico”, “já foi reconhecida no passado” e é “encontrada de antemão” (BAKHTIN, 2014, p. 143). A linguagem dessa palavra autoritária é sagrada, “pode tornar-se objeto de profanação. Aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão” (ibid). No caso da palavra autoritária, portanto, não há espaço para variações, compreensões, porque “exige reconhecimento incondicional” (p. 144). No que se refere aos discursos sobre a leitura presentes na reportagem que analisamos, parece-nos haver essa palavra autoritária funcionando como um “discurso fundador”, ao qual se adere sem ressalvas, porque se considera que a leitura pode salvar vidas como a de Adriana. Essa palavra autoritária entra “em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, é preciso confirmá-la por inteiro ou recusá-la na íntegra. [...] [ela] não se representa – ela é apenas transmitida” (BAKHTIN, 2014, p. 144).

Já o segundo tipo, a palavra interiormente persuasiva, é concebida assim por Bakhtin (2014, p. 144):

[...] é determinante para o processo de transformação ideológica da consciência individual: para uma vida ideológica independente, a

⁶ Há disponível no mercado nova tradução feita desta obra, em que a terminologia é diferente; para o que pretendemos desenvolver aqui parece se tornar confusa a nova tradução. Acontece que em russo, conforme os diversos tradutores, o vocábulo *slovo* significa ao mesmo tempo *palavra* e *discurso* e Bakhtin empregava esse termo em russo em um sentido amplo. Paulo Bezerra, na mais recente tradução dessa obra, sempre usa *discurso* para traduzir *slovo*. Preferimos a tradução da terminologia empregada nesse texto de 2014 que referimos porque *slovo* é traduzido *quase sempre* como *palavra* e evita a confusão entre os termos do par mencionados no próximo parágrafo, *palavra autoritária* e *palavra internamente persuasiva*, se tornarem, respectivamente, *discurso autoritário* e *discurso de autoridade*. Justificamos assim a escolha por manusear essa tradução devido à nomenclatura; ressaltamos, contudo, que a tradução do termo russo *slovo* não é consenso entre os tradutores brasileiros ou estrangeiros, consultar, por exemplo, Sériot (2015), que propõe traduzir por *palavra* sempre.

consciência desperta num mundo onde as palavras de outrem a rodeiam e onde logo de início ela não se destaca; [...] à diferença da palavra autoritária exterior, a palavra persuasiva interior no processo de sua assimilação positiva se entrelaça estreitamente com a “nossa palavra” (BAKHTIN, 2014, p. 144).

A palavra interiormente persuasiva é a categoria que atua mais no nível horizontal com as outras palavras no interior da consciência social e ideológica dos sujeitos. Sua estrutura semântica, no dizer de Bakhtin (2014, p. 146), é permanentemente aberta, podendo apresentar variações em relação aos contextos dialógicos em que figura. É uma palavra “contemporânea, nascida numa zona de contato com o presente inacabado, ou tornado contemporâneo” (ibid).

Os processos de citação do discurso do outro e o silenciamento do discurso sobre as drogas

Começamos nossa análise pontuando que tentaremos demonstrar como o discurso do outro é manipulado na reportagem do G1. Em primeiro lugar, se analisarmos a construção composicional do vídeo⁷ editado pelo portal de notícias que faz parte da reportagem, podemos elencar cinco temáticas, ordenadas conforme aparecem no vídeo: 1) Adriana fala de como aconteceu a gravação do vídeo que a tornou conhecida; 2) Adriana fala de como chegou a morar nas ruas e sobre a família pobre de que provém; 3) Adriana fala sobre as leituras que faz, destacando alguns autores; 4) Adriana fala dos sonhos que teve quando criança, nos quais não se via como uma dependente química.

Agora cotejemos essas informações com a imagem 1, abaixo, em que recortamos um bloco constituído pelo título, em letras maiores, seguido de subtítulo, assinatura do autor e uma fotografia de Adriana:

Imagem 1

⁷ Essa categoria de análise advém da reflexão de Bakhtin sobre os gêneros do discurso (2011). Vídeo disponível em: <g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/jornal-da-eptv/videos/v/moradora-de-rua-transsexual-preenche-solidao-com-livros-e-enfrenta-dilemas-com-conhecimento/6794133/> Acesso em 05 de dezembro de 2018.

Apaixonada por literatura, moradora de rua transexual viraliza na web: 'Na solidão, comecei a conversar com os livros'

Adriana Cavalcanti, de 29 anos, vive há 17 nas ruas de Campinas (SP) e ganhou notoriedade ao comentar a greve dos caminhoneiros na internet.

Por Fernando Evans, G1 Campinas e região
15/06/2018 08:00 - Atualizado há onze semanas



Foto: Fernando Evans/G1

Dos quatro temas do vídeo, percebemos de imediato que o recorte temático nos discursos do outro feito pelo jornalista que assina a reportagem se deu pelos discursos sobre a leitura, que têm, como vimos acima em acordo com Curcino (2016), valores prioritariamente eufóricos. Sobre o título, podemos tecer algumas considerações linguísticas que ajudam a perceber como os discursos sobre a leitura presentes nessa reportagem recortam os dizeres de Adriana enfatizando os valores benéficos e salvacionistas que a literatura pode representar na vida daqueles que dela disfrutam.

O título é construído por uma anteposição que enfatiza a paixão por livros, que se acopla à informação principal “moradora de rua transexual viraliza na web” seguida, já, de discurso citado da entrevistada: “Na solidão, comecei a conversar com os livros”. Note-se que essa ordem sintática do título já permite antever uma valoração maior para o fato de que Adriana é uma “apaixonada por literatura”, que antecede sua condição, seu discurso citado; sequer disputa lugar com o nome de Adriana, que apenas aparece mais abaixo. Nesse sentido, parece que a citação do discurso direto de Adriana no título, dando-lhe voz ativa, a contrapelo de sua condição social duplamente silenciada por ser moradora de rua e transexual, destaca numa condição eufórica, o hábito imaculado discursivamente da leitura.

Sobre o subtítulo, lembrando a fórmula de Foucault (2006) sobre os homens infames, esses sujeitos apenas podem entrar para a história por conta de um feito extraordinário, aqui, a menção ao nome de Adriana Cavalcanti se faz apenas nas letras miúdas de um subtítulo bem

discreto em contraste com o destaque para os discursos redentoristas sobre a leitura nas letras garrafais do título que lhe dão a possibilidade de ser entrevistada por um veículo oficial da grande mídia. O efeito de sentido produzido por essa forma de apresentar o título atrai o leitor por meio de um recorte temático específico: a singularidade de uma moradora de rua que é apaixonada pela literatura, contrariando uma representação idealizada sobre a prática de leitura, especialmente porque Adriana não possui os três estados do capital cultural (BOURDIEU, 1999), quais sejam, o capital incorporado – ofertado pela família – o capital objetificado – que se adquire de um legado material – e o institucional – recebido no contato com a escola, ou a igreja, etc.

O encaixe produzido na sintaxe da enunciação da reportagem pela tríade título, subtítulo e pela imagem de Adriana sorrindo permite-nos afirmar que a possibilidade de haver encontrado na literatura esse escape para uma vida fadada à solidão se liga às máximas apresentadas por Britto (2016) no que tange aos mitos de que a leitura é redentora e é prática prazerosa. Na mesma medida em que se conecta a esse discurso sobre a leitura, não se faz nenhuma menção ao não acesso ao livro, que, como sabemos, é objeto com valor alto e inacessível a grande parte da população. Quando se prioriza um enunciado em que se diz que uma moradora de rua pode ser “apaixonada pela literatura”, outros enunciados não aparecem, como aqueles que poderiam destacar a questão da necessária democratização da leitura, do direito de ler, de que a leitura em muitas vezes é uma questão de classe, ou sobre a divisão social dos leitores que hierarquiza aqueles que podem e leem e os que não podem ou não leem.

É interessante perceber que o mesmo movimento de descrição temática do vídeo que fizemos acima foi feito pelo repórter do G1, mas o recorte nas informações é ligeiramente diferente do que fizemos:

“Na sequência, leia mais detalhes da entrevista:

- Adriana fugiu da casa de acolhimento para as ruas aos 12 anos;
- Desenvolveu a paixão pelos livros e teve até uma biblioteca itinerante;
- Na infância, sonhava ser cantora ou atriz;
- Quer sair das ruas e ter um lugar para os cães e livros.”

Percebemos com esse recorte nos detalhes da entrevista um silenciamento sobre o assunto das drogas e a ênfase na “*paixão pelos livros*”, no segundo ponto, e ao amor pelos “cães e livros”, no quarto, que merecem ter um lugar para estarem. Parece-nos que há aí o funcionamento do que Bakhtin (2014) denominou a palavra autoritária, um discurso anterior que não permite diálogo e que apenas aceita a aderência completa ou a total negação. Se o portal de notícias, por meio do autor da reportagem, adere sem ressalvas à palavra autoritária

que diz que as drogas são ruins, adere também sem ressalvas ao discurso redentorista da leitura, que tem suficiente força para silenciar esses discursos sobre as drogas, de cujos valores quer se afastar. Vamos tentar explicitar essa questão durante nossa análise dos apartes que o autor da reportagem fez do discurso direto de Adriana durante a reportagem, cotejando esses fragmentos com os subtítulos que orientam a leitura.

Estudando essa reportagem como gênero do discurso, percebemos que a própria organização dos subtítulos ajuda-nos a sustentar esse silenciamento do discurso sobre as drogas em favor do discurso redentorista da leitura. São subtítulos do texto: “*Os livros falam*”, *Saída das ruas*, *Vítimas algozes*, *Referência*, *Viralizou*, *Vaquinha*, *Paixão pelos livros*, *Vida nas ruas*. Em pelo menos metade dos subtítulos está presente esse discurso sobre a paixão pelos livros, que produz o fetiche pelo objeto livro (BARZOTTO E BRITTO, 1998), e que concebe a leitura como salvação para esse sujeito que é, como se informa no primeiro parágrafo da reportagem, completamente guetizada: “Transexual, negra, nordestina e vivendo nas ruas de Campinas (SP) há 17 anos”.

No primeiro subtítulo, vemos, por exemplo, o seguinte aparte de discurso citado de Adriana: “ ‘Na falta de com quem conversar, eu entendi que os livros falam. Eles estão sempre a falar’, diz”. Percebamos que no contexto dos subtítulos mencionados no parágrafo anterior não há nenhum outro em que o discurso citado de Adriana apareça com aspas, como é o caso deste subtítulo. Nesse sentido, parece-nos que a importância desse subtítulo como retomada de informações constantes no título da matéria e que sustentam o papel silenciador do discurso sobre a leitura em detrimento do discurso sobre as drogas faz com que no subtítulo apareça discurso citado com aspas para demarcar o quanto é importante a voz dessa moradora de rua que sofre de todos os estigmas que já haviam sido mencionados e que mesmo assim ama os livros, que encontra neles uma saída para a crueldade das ruas.

O subtítulo *Saída das ruas*, que vem encadeado na sintaxe da enunciação ao subtítulo anterior, retoma os sonhos de que Adriana falava no vídeo da matéria e corrobora com a percepção de que a leitura é concebida como redentora: seu papel é de tal maneira mitificado que a moradora de rua pode sonhar com sair das ruas, porque os livros produziram esse encantamento, essa possibilidade de sonhar com mundos outros. O subtítulo “Vítimas algozes” remete à obra homônima de Joaquim Manoel de Macedo, que teria sido citada por Adriana, comparando o papel dos escravos no século XIX retratado na obra, conforme o autor, como violentos ou perigosos com a vida dos moradores de rua, que são tornados invisíveis na sociedade de consumo em que vivemos. Na sequência, o subtítulo “Referência” aparece uma vez mais para remeter a um livro tomado como fetiche, “Capitães de areia” que

teria sido citado por Adriana dizendo que é uma história real. O autor da reportagem cita diretamente o seguinte fragmento da obra de Jorge Amado: “Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e *fumando pontas de cigarro*, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas”, escreveu Jorge Amado em um dos trechos do clássico” (grifo nosso). Em diálogo com essa representação dos meninos moradores de rua é apresentada a foto abaixo das mãos de Adriana:

Imagem 2



Já os subtítulos “Viralizou” e “Vaquinha” apresentam apenas informações sobre a recepção do vídeo que tornou Adriana famosa e a vaquinha que está sendo feita para tentar tirá-la das ruas. Reitera-se, assim, a desigualdade, já que não se coloca o estado, mas o indivíduo como responsável pelas condições sociais que vive.

O subtítulo “Paixão pelos livros”, o penúltimo, apresenta um grande aparte com citação direta de Adriana, que fala sobre o que lê e os efeitos que a leitura tem em sua vida: “Eu comecei na minha solidão, isolamento, a conversar com os livros. Foi quando descobri Jorge Amado, Aluísio Azevedo, Tobias Barreto, Joaquim Manoel de Macedo”, lembra”. Percebemos nesse trecho que a palavra autoritária de que Bakhtin (2014) tratava faz com que Adriana, ao elencar suas leituras, se mostre como uma leitura de clássicos da literatura, ou seja, que o discurso dos ilustrados sobre o que são os bons livros funciona como essa palavra já dada de antemão, alinhada a um passado hierárquico que diz o que se deve dizer sobre o que se lê. Conforme Curcino (2016),

Há entre nós, portanto, um repertório cultural compartilhado dessas formas de se apresentar socialmente como leitor, seja tendo um livro à mão, seja aludindo a livros e autores específicos em nossas conversas [...], seja assumindo poses de leitura e gestos prototípicos que demonstrem nossa familiaridade com essa prática e seus objetos (CURCINO, 2016, p. 234).

Portanto, os autores que podem e devem ser mencionados por alguém que se propõe leitor são alguns específicos e não outros. Preferentemente se diz que foram lidos os clássicos,

o autor da reportagem faz uma segunda lista, em que destacam livros que Adriana teria dito que leu.

“Questionada quais seriam os títulos inesquecíveis ou essenciais, ela tratou de listar alguns:

- Capitães de Areia, de Jorge Amado
- As Vítimas Algozes e A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo
- O Abolicionismo, de Joaquim Nabuco
- Poemas de Cruz e Souza
- Composições de Vinícius de Moraes”

Ainda nesse subtítulo da reportagem destacamos a seguinte passagem, que mistura discurso citado de Adriana e discurso indireto:

"Um rapaz chegou e me disse que na escola ele era obrigado a ler esse livro. Perguntei se ele se sentia obrigado a ler esse livro, e disse que sim. Que era um 'livro chato'. Aí, depois que eu li três páginas, ele disse: 'nossa, mas é bonito, hein?' Expliquei: 'não, bonito é a maneira que você o enxerga, e a maneira que eles te oferecem'", conta Adriana, que completa.

"Nada do que você é obrigado a fazer é bonito. Tudo que você por prazer faz é maravilhoso. Agora, ele quer o livro emprestado" (destaque no original).

Nesse fragmento é possível identificar o discurso de mais uma das máximas que Britto (2016) desconstrói sobre a leitura: “ler não é um prazer, ainda que possa ser” e “ler não é fácil nem chato, ler é difícil”. Como vimos anteriormente, essa concepção serve apenas para mitificar a leitura e fetichizar o objeto livro. Ainda em relação à leitura como prazer, é interessante que o excerto que Adriana fala “Tudo que você por prazer faz é maravilhoso” venha em destaque em relação à narrativa do acontecimento de que faz parte, parece que a citação do discurso do outro feita aqui serve para destacar o papel da leitura como prazer, desconsiderando o assunto em si em que se dá o comentário feito por Adriana, que é tomado em letras menores sem grifo no original. Também, parece haver uma contradição entre o que o autor do texto escreve e o editor gráfico do site faz, já que o encaixe linguístico feito entre o relato anterior – que aparece com letras normais – e o relato em negrito é feito pelo fragmento “que completa”, que presumiria um complemento, que não é tão importante em relação às informações principais que o antecederiam. Mas, como sabemos, o efeito gráfico produzido pelo aparte em negrito com letras maiores faz com que o leitor vá diretamente àquela informação, em geral, ignorando, às vezes, partes do texto que não figuram em destaque. Pode-se afirmar, por fim, que esse fragmento destacado conforma com o título e com os demais destaques que apontamos anteriormente como uma ênfase ao papel da leitura como salvadora em detrimento de discursos sobre a drogadição de que o autor quer se afastar.

No subtítulo “Vida nas ruas” é que se concentram as informações a respeito das drogas, que Adriana confessa usar. Esse subitem da reportagem apresenta dois parágrafos curtos com informações sobre como é a vida de Adriana nas ruas, começa por pontuar que ela fugiu de um abrigo para menores e depois traz o seguinte trecho em negrito com letras maiores:

Eu gasto mais tempo com livro do que com crack. Eu gasto mais tempo com pessoas como eu do que com crack. Não sou uma nóia, mas lógico que vou usar, sim. Quero saber quem é o ser humano que ia conseguir passar a noite sem dar uma 'pauladinha' sabendo que poderia morrer no dia seguinte.

Esse fragmento permite perceber como Adriana, mesmo confessando que usa crack, silencia os valores negativos do uso de drogas com informações sobre a leitura em primeiro lugar: “Eu gasto mais tempo com livro do que com crack”. Desse enunciado deriva um seguinte, “Eu gasto mais tempo com pessoas como eu do que com crack”. Do balanço entre esses dois enunciados poderíamos afirmar que o discurso sobre o potencial humanizador da leitura, mesmo para ela uma usuária de drogas confessa, faz com que se preocupe também com os outros. Não é por acaso que esses dois enunciados apareçam assim, um ao lado do outro, visto que a palavra autoritária, conforme Bakhtin (2014), desse discurso sobre os valores benéficos da leitura chegue até nós em um bloco compacto com características hegemônicas e exija reverência. O discurso a respeito da leitura que atravessa esses enunciados é de uma leitura que salva, mesmo os dependentes químicos, e faz salvar os outros.

Os enunciados seguintes desse fragmento apresentam, parece-nos, uma justificativa: “Não sou uma nóia, mas lógico que vou usar, sim. Quero saber quem é o ser humano que ia conseguir passar a noite sem dar uma 'pauladinha' sabendo que poderia morrer no dia seguinte”. Como afirmávamos em outro trabalho (SOUZA, 2017), os discursos funcionam contraditoriamente e uma análise material deles permite-nos perceber que algumas unidades linguísticas, às vezes uma palavra, às vezes uma oração, carregam consigo duas vozes, produzindo valores ambivalentes. Assim, quando Adriana afirma “Não sou uma nóia, *mas* lógico que vou usar, sim”, a conjunção adversativa “*mas*” introduz essa oração que contradiz a primeira; parafrasticamente seria o mesmo que dizer que é uma usuária convicta e que não pensa em abandonar as drogas; e a justificativa segue com informações sobre a dura realidade que enfrenta: seria preciso usar entorpecentes para passar a noite porque não se sabe se vai viver o dia seguinte. Nesse contexto, é legitimado o uso das drogas em função das condições sociais, Adriana é duplamente marginalizada por ser transexual e moradora de rua, em que

vive; os entorpecentes são a única possibilidade de suportar sua condição periférica em uma sociedade excludente.

Analisemos, por fim, mais uma imagem, que completa essa reportagem sobre a vida de Adriana nas ruas:

Imagem 3



Adriana relata que sofreu a quatro hipotermias nas ruas de Campinas (SP) — Foto: Fernando Iwasaki/G1

A morte, aliás, já passou próxima de Adriana pelo menos quatro vezes em 17 anos nas ruas de Campinas.

"Eu já sofri de hipotermia quatro vezes. Já coloquei a mão na frente da boca e expirei ar gelado. Eu já perdi os sentidos, eu já morri!"

Adriana diz ter tirado lições até destes momentos mais extremos. "Para quem morreu e continuou por aqui, graças a esse trote de Deus, então eu passei a aproveitar a vida. Meu sonho quando era criança não era ser nôia, não era ser moradora de rua. Meu sonho era ser artista, cantora..."

"O mundo já está te condenando. Se você continuar se condenando quanto o mundo te condena, tá f..... Se o mundo tá te condenando, se absolva. Se o mundo te priva, se permita."

Sobre a imagem 3, a fotografia que nela consta chama atenção por ser a única da reportagem que mostra Adriana em pose preocupada. Esses fragmentos textuais que apresentamos em bloco na imagem três são a finalização da reportagem, que apesar de deslocar os discursos sobre a vida sofrida de Adriana para o final tentam ainda concluir com frases de efeito, como "Se o mundo tá te condenando, se absolva. Se o mundo te priva, se permita". De alguma maneira isso produz um efeito de contentamento no leitor do G1 que depois de encontrar esses discursos redentoristas sobre a leitura em meio a uma vida em nada exemplar de leitora, que nada se assemelha ao do leitor modelo (CURCINO, 2016) ou leitor estilo de vida (BRITTO, 2016), que lê e encontra prazer na leitura apesar dos pesares. Dos temas tratados nos últimos fragmentos textuais da da reportagem, tal como se vê na imagem 3, podemos afirmar que o deslocamento para o final do texto faz com que o leitor digital haja de duas maneiras: 1- não leia ou 2 – leia com menor atenção.

Considerações Finais

Ao estudarmos essa reportagem sobre a vida de Adriana, uma moradora de rua de Campinas (SP), percebemos que havia no discurso ali veiculado, pelos fragmentos de discurso citado que analisamos e pelos trechos do autor da reportagem, uma concepção de leitura como salvacionista, capaz de atribuir valores benéficos aos sujeitos em situação de rua, que de alguma maneira humaniza.

Ao cotejarmos com a reportagem o vídeo que figura no site, percebemos uma linha temática em sua construção composicional ligeiramente diferente daquela enfatizada pelo autor da reportagem; havia ali um discurso sobre as drogas sendo interditado. No vídeo, por um lado, Adriana se confessa como usuária de crack; na reportagem escrita, há uma lista de itens que orientariam o leitor para os assuntos tratados no texto e o assunto *drogas* é obliterado. Discutimos, nessa perspectiva, que havia uma palavra autoritária, conforme a nomenclatura de Bakhtin (2014), fazendo dizer/atribuindo valores bons à leitura e que essa valorização da leitura como redentorista silencia o discurso sobre as drogas, pelo apagamento em alguns momentos e em outros pela ordem sintática do texto.

Assim, a citação do discurso do outro, no dizer de Bakhtin (2014), sempre acontece obedecendo a duas regras: responde a fins específicos e se dirige a um terceiro. Os fins específicos, no contexto da reportagem em questão, são os de valorização da leitura e de demonstração que, apesar das adversidades, Adriana lê e lê textos considerados bons. O direcionamento para o público faz com que o autor da reportagem recorte os fragmentos do discurso de Adriana que enfatizam a leitura e seus valores positivos e coloque-os em posições anteriores e de destaque. Na mesma medida em que o discurso sobre as drogas é colocado na sintaxe do texto como último, apagado quando possível. Em outras palavras, o processo de citação do discurso do outro faz com que os valores atribuídos aos discursos sobre a leitura contribuam para silenciar o discurso sobre as drogas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Diferentes formas de ler**. Campo Grande, 2001. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.html>>. Acesso em: 29 nov.2018.
- BAKHTIN, M. (V.N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. Tradução de Autora Bernardini e outros. São Paulo: Ed. da UNESP, 2014.

BRAIT, B. A chegada de Voloshinov/Bakhtin ao Brasil na década de 1970. In. ZANDWAIS, A. **História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história**. Passo fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

BRANDIST, C. **Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRITTO, L. P. L. BARZOTTO, V. H.; Promoção x mitificação da leitura. **Em dia**, Campinas, v. 3, p. 3 - 4, 03 ago. 1998.

BRITTO, L. P. L. Máximas impertinentes. **Na ponta do lápis**, São Paulo, p. 32 - 39, 01 jul. 2016.

BRONCKART, J.P. & BOTA, C. **Bakhtin Desmascarado** – história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo”. Trad. M. Marcionilo. São Paulo: Parábola Ed., 2012.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In. _____. **Escritos de Educação**. Maria Alice e Afrânio Catani (org.). Petrópolis: Vozes, 1999. p. 71-79.

CASTRO, G. Formas sintáticas da enunciação: o problema do discurso citado no Círculo de Bakhtin. In. BRAIT, B. **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

CURCINO, L. Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores. In. CURCINO, L. SARGENTINI, V. PIOVEZANI, C. **(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.203-222.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PONZIO, A. **Encontro de palavras**. O outro no discurso. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PONZIO, A. Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta. In. VOLOCHÍNOV, V. BAKHTIN, M. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

SÉRIOT, P. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SOUZA, N. B. **A construção contraditória do discurso identitário no cancionário de Soledad Pastorutti no contexto do folclore argentino**. Dissertação (Mestrado em linguística). Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos: Brasil, 2017.